

# Global Journal of HUMAN-SOCIAL SCIENCE: A Arts & Humanities -Psychology

Ueberson Ribeiro Almeida

*Received: 11 December 2019 Accepted: 2 January 2020 Published: 15 January 2020*

---

## Abstract

This article analyzed the formative process of the Board Crane Driver in the port of Vitória/ES. It was used as methodological strategy the creation of a work analysis group as dispositive to data production. Through the analyzes, the production of a sensible body-guincheiro in the work that emerges as a fundamental arbiter of the choices made, that carries the practical knowledge, incarnated, coming from the activity and that doesn't "subdue" to the simple execution or simulation of a task, either by repetition or protocols stipulated by the work organization in the port, but which places itself as the center of activity, the locus of rule debates.

---

*Index terms*— board crane driver; formation; port work.

## 1 Introdução

ste artigo discute o processo formativo dos trabalhadores portuários avulsos de um porto do Estado do Espírito Santo, buscando um recorte dentro da categoria dos estivadores ao propor uma análise do processo formativo dos guincheirosestivadores que atuam na função especializada em operar guindastes de bordo -, bem como problematiza de que modo o processo de formação lida com os saberes da atividade do guincheiro. O estudo é um recorte da dissertação de mestrado intitulada: "Ofício de Guincheiro: análise da atividade dos operadores de guindaste de bordo no Complexo Portuário do Espírito Santo", por meio da qual foram realizados grupos de análise do trabalho com 06 guincheiros, os quais denominamos de Guincheiro I, Guincheiro II, Guincheiro III, Guincheiro IV e Guincheiro V e Guincheiro VI.

Para análise dos processos formativos dos guincheiros de bordo, dialogamos, principalmente, com estudos francófonos das Clínicas do Trabalho, dentre os quais destacamos a Ergologia (SCHWARTZ, 2007a; 2007b; 2010) e Clínica da Atividade (CLOT, 2007; 2010). Respeitadas as divergências teóricas entre tais abordagens do trabalho, nos foi importante o viés clínico de análise compartilhado por ambas, no qual o trabalhador é protagonista na produção de saberes e competências na experiência de trabalho.

Ao longo de sua história, o trabalho portuário no Brasil foi marcado por uma tradição familiar muito expressiva, onde a inserção no ofício e a transmissão de saberes era atravessada pela relação de parentesco, sendo privilegiados os filhos, netos e/ou parentes dos trabalhadores portuários. Uma característica importante, dentro deste contexto histórico, era o fortalecimento de laços de confiança que sustentavam e mantinham os coletivos e a permanência no trabalho.

Queiroz et al. (2012) nos sinalizam que havia entre os trabalhadores um forte sentimento de pertencimento e posse da atividade ocasionado tanto pelo forte vínculo familiar, quanto pela força das organizações sindicais, o que permitia certo controle e gestão do trabalho pelos próprios trabalhadores.

Com as transformações tecnológicas decorrentes do processo de reestruturação produtiva e modernização dos portos, tendo o auge na década de 1990, iniciou-se nos portos um processo de mecanização do trabalho que, conseqüentemente, resultou na redução do número de trabalhadores por terno. Em 2013, o Decreto Nº 8.033. Em estudos feitos com os estivadores do Espírito Santo, Bourguignon e Borges (2006) mostram que a redução na requisição de mão de obra no porto provocou uma intensificação do trabalho, o que produziu efeitos diretos na saúde dos trabalhadores.

O novo modus operandi da organização do trabalho do porto distanciou os trabalhadores do controle e gestão do trabalho com o qual, historicamente, detinham. Neste ínterim, houve uma diminuição do quadro de trabalhadores

## 2 II. A FUNÇÃO DO OPERADOR DE GUINDASTE DE BORDO: GUINCHEIRO

---

47 recrutados para o trabalho e uma preocupação com a redução dos custos com as operações (efeitos também  
48 provocados pela inserção de novos equipamentos e tecnologias no setor portuário), ao mesmo tempo em que há  
49 uma exigência constante pelo aumento da produtividade e por trabalhadores qualificados.

50 No contexto da qualificação destes profissionais, Paul e Freddo (2009), em estudo realizado no Porto de Santos,  
51 apontam para uma "defasagem" na qualificação desses trabalhadores ocasionada pela escassez de cursos. No  
52 entanto, esta preocupação desponta, principalmente, no decorrer das mudanças ocorridas com o processo de  
53 modernização.

54 Para Araújo (2001), a exigência por qualificações para a tarefa de manuseio das cargas denota uma visão  
55 de que dentro do contexto histórico de organização do trabalho, os trabalhadores eram desqualificados para  
56 exercerem suas tarefas e, com a requisição de novas tecnologias, necessitariam de treinamentos para tornarem-  
57 se aptos ao trabalho. Não obstante, o treinamento é uma ferramenta importante para lidar com as mudanças e  
58 preparar, principalmente, os novos trabalhadores para o exercício de suas funções, entretanto, a autora chama  
59 atenção para que no decorrer do processo de treinamento, o saber-fazer constituído e acumulado no decorrer  
60 da história pelos coletivos de trabalho seja incorporado. Como desdobramento dos encontros em grupo com os  
61 guincheiros de bordo durante a pesquisa, houve a necessidade de conhecer o treinamento dos guincheiros, realizado  
62 pelo OGMO (Orgão Gestor de Mão de Obra) em parceria com a Universidade situada na região metropolitana  
63 de Vitória/ES, a qual faz uso do simulador de guindaste de bordo como uma das etapas do treinamento. A  
64 referida universidade desenvolveu simuladores utilizados pelos estivadores em treinamento, ou seja, em fase de  
65 qualificação para operação de guindaste de bordo de acordo com as vagas disponibilizadas pelo OGMO, ou quando,  
66 já habilitados para desempenharem a função, precisam aprimorar seus conhecimentos e/ou sofrem punições que  
67 requerem a realização de "reciclagem".

68 É nesse contexto que o tema da formação ganha relevo e torna-se central aos guincheiros, uma vez que ao  
69 buscar substituir o trabalho vivo (o patrimônio de saberes que passa de pai para filho, de famílias para famílias,  
70 de amigos para amigos, dos mais experientes aos novatos) por máquinas de simulação interfere-se diretamente no  
71 curso histórico da atividade dos trabalhadores e de modo incivo nos modos de organização do trabalho portuário,  
72 nas maneiras de ser e se tornar guincheiro de bordo.

## 2 II. A Função do Operador de Guindaste de Bordo: Guincheiro

73 No ano de 2016 havia um total de 205 guincheiros habilitados a atuarem nos portos capixabas 3 . Eles são o  
74 elo entre o navio e o cais, responsáveis por realizarem o carregamento e o descarregamento dos navios com a  
75 utilização de aparelhos de guindar 4 3 Dos 205 guincheiros, 189 estão registrados na categoria da estiva e 16  
76 são trabalhadores multifuncionais. Para exercer uma função especializada, como a de guincheiro, é necessário  
77 o TPA possuir registro na categoria a qual comporta a função, no caso em questão, a categoria da estiva. No  
78 entanto, com a multifuncionalidade, o trabalhador pode exercer qualquer função das categorias de avulso, desde  
79 que habilitados para tal. O trabalhador pertencente à outra categoria dos avulsos que queira adquirir habilitação  
80 para a função de operador de guindaste de bordo poderá fazer o curso para qualificação desde que haja vaga, pois,  
81 a preferência é dada aos trabalhadores da estiva. 4 Como são chamados todos os "equipamentos que suspendem  
82 a carga, por meio de cabos, entre o cais e o navio: guindastes, pausde-carga, cábreas ou portainers" (BRASIL,  
83 2001: 22) No que tange aos equipamentos utilizados pelos guincheiros, estes podem variar de acordo com o tipo de  
84 navio e de carga a ser movimentada de forma que seu funcionamento visa realizar a suspensão e a movimentação  
85 da carga entre o cais e a embarcação, ou vice-versa, por meio de cabos de suspensão. Há diferentes modelos  
86 de guindastes que podem variar de acordo com o motor: elétrico ou hidráulico; equipamentos simples ou os  
87 combinados ?? 5 Guindaste de bordo simples é aquele que possui "ângulo de 360°, movimentando-se num plano  
88 vertical. Localizados a bordo entre dois porões permite atender a ambos os porões dando maior flexibilidade"  
89 (OGMO, 2011: 26). Já os guindastes combinados, possuem duas lanças e têm a mesma função que os simples,  
90 "porém seu objetivo é aumentar a capacidade de carga. Eles são montados numa ; e a ponte rolante: aparelho  
91 situado a bordo do navio que tem a mesma finalidade de realizar a movimentação das cargas.

92 A organização do trabalho portuário é composta por algumas normativas que direcionam de forma genérica  
93 a atuação do guincheiro: os objetivos a serem alcançados e o que se faz importante atentar-se para exercer o  
94 trabalho. Tais direcionamentos, os quais vêm da ordem da determinação, é o que entendemos por trabalho  
95 prescrito, antecipam a atividade e fornecem subsídios ao trabalhador para atuar e dispõe, "de um lado, a regras  
96 e objetivos fixados pela organização do trabalho e, de outro, às condições dadas" (BRITO, 2009: s/p).

97 Telles e Alvarez (2004: p. 67) definem as prescrições como um "conjunto de condições e exigências" que, no caso  
98 do guincheiro, abrange tanto as prescrições dispostas pela organização do trabalho (a Norma Regulamentadora  
99 29, marcos regulatórios (Lei 8.630/93; Lei 12.815/2013), os procedimentos técnicos e de segurança, os acordos  
100 coletivos, as metas de produção, as demandas do empregador, o treinamento, o plano de carga etc.), quanto às  
101 condições pré-definidas (como os fatores sociais e econômicos, o ambiente portuário, os equipamentos, os recursos  
102 utilizados etc.). A esse aspecto mais abrangente do que seria o trabalho prescrito que abarca os procedimentos,  
103 as regras e normas da organização, as condições pré-definidas e tudo aquilo que antecipa a atividade, formam um  
104 conjunto de normas que antecedem a atividade.

105 No entanto, é o processo de formação (denominado pelos trabalhadores comotreinamento) que serve como  
106 base para os novos trabalhadores apreenderem as técnicas e conhecerem o funcionamento dos equipamentos para  
107 poderem manuseá-los. O treinamento para operação de guindaste de bordo é fornecido pelo OGMO (OGMO-ES,  
108

---

109 2011), com o apoio do Sindicato dos Estivadores, constituído-se em três etapas: teórica, teórico-prática, com uso  
110 do simulador, e prática, embarque treino. A etapa teórica e a simulação são realizadas na Universidade, situada  
111 na região metropolitana de Vitória/ES.

### 112 3 III.

## 113 4 Entre apostilas-Prescrições e Simuladores-Videogames

114 A formação do guincheiro é orientada por uma prescrição em forma de apostila. Tomando-a como referência na  
115 descrição da atividade desse trabalhador, percebe-se que ela se articula em dois momentos: plataforma (mesa)  
116 giratória comum e, quando operam independentemente, a mesa giratória permanece fixa. Quando operaram em  
117 conjunto, ela é que gira em vez dos guindastes, isoladamente” (OGMO, 2011: 26).

118 O primeiro tem como foco a comunicação e cooperação entre os trabalhadores, com a finalidade de fomentar  
119 o trabalho em equipe, melhorar a convivência dos grupos e o relacionamento interpessoal;

120 O segundo envolve conhecimento e habilidade técnica para realizar a operação de guindaste de bordo. Essa  
121 parte, que envolve o conhecimento técnico, visa identificar as características dos equipamentos em diferentes  
122 aspectos como: os diferentes modelos e como eles funcionam; os comandos de giro (rotação do guindaste),  
123 elevação, basculamento (arriar ou levantar a lança), bem como os movimentos combinados 6 possíveis; os tipos de  
124 acessórios utilizados na operação (ganchos, olhal, estropos, manilha, moitão, grab) 7 O reconhecimento da cabine  
125 pelo trabalhador é uma forma de antecipação de possíveis eventualidades e condições de uso do equipamento.  
126 Elas são realizadas com base nesse conhecimento técnico sobre o local de trabalho. No que tange às normas, o  
127 trabalhador deveria realizar essas ”inspeções” a cada contato com o equipamento, uma vez que a diversidade de  
128 aparelhos de guindar resulta em não ; e as regras de segurança do equipamento e da operação (aspectos gerais de  
129 segurança: capacidade de carga que cada guindaste pode operar; inspeção, saber identificar as áreas de perigo).

130 O campo das instruções, parte inicial do treinamento, é apontado pelo Guincheiro III como ferramenta  
131 importante para que o guincheiro conheça os componentes básicos da atuação, como: a cabine do guindaste e  
132 a vistoria que deve ser realizada antes de iniciar cada operação. Ou seja, é necessário ter ciência [...] onde é  
133 emergência [...], o porquê você tem que usar uma emergência. É você conhecer uma rota de fuga. Por quê? Um  
134 acidente qualquer? Você tem que conhecer como você vai sair. [...] Essa vistoria da cabine a gente entende como  
135 uma das coisas principais. É o cara conhecer a área dele de trabalho. [...] Saber todos os comandos. Onde liga a  
136 lâmpada? Onde chama uma sirene? Tem-se um rádio, como funciona? Qual é o canal que eu vou trabalhar? [...]  
137 Ai depois a gente entra na parte operacional (Guincheiro III). 6 São movimentos realizados de forma articulada  
138 como: Içar e girar; Arriar a carga e girar; Arriar a carga e arriar a lança; Arriar a carga e levantar a lança;  
139 Içar-girar-arriar a lança; arriar-girar-levantar a lança (OGMO-ES, 2011). 7 São exemplos de acessórios utilizados  
140 para movimentar cargas e cada um possui uma especificidade, por exemplo: os estropos, segundo o Guincheiro I,  
141 ”são lingas especiais para máquinas, as lingas com as manilhas”. Já o grab é um ”dispositivo acoplado ao gancho  
142 do guindaste para transportar granéis” (OGMO-ES, 2011: 77). saber previamente o que se vai encontrar quando  
143 chegar ao navio.

144 Nesse ínterim, o Guincheiro I sinalizou que, no cotidiano do trabalho vivo, a comunicação entre os operadores  
145 serve como auxílio para entender o funcionamento dos equipamentos. Durante a troca de turno, os guincheiros  
146 repassam quais foram as dificuldades encontradas no turno anterior e a forma como o equipamento reagiu: se  
147 estava mais lento, mais acelerado, se apresentou alguma falha etc. Ou seja, uma forma de antecipação da atividade  
148 pela experiência que é fonte de saber e transmitida entre os trabalhadores.

149 Na segunda etapa do treinamento, o trabalhador é, então, submetido ao simulador para aplicar os procedimentos  
150 estudados. Esta é a maior parte do curso, ”foram quase uma semana indo pra você se acostumar com o  
151 equipamento (Simulador)” (Guincheiro VI). Os simuladores ficam dispostos numa sala e são réplicas da cabine do  
152 guindaste, possuem assentos, televisores e manches (controles para realizar as operações), onde são desenvolvidos  
153 os procedimentos considerados padrão. Nesta etapa, é repassado a cada trabalhador um plano de carga para ser  
154 realizado.

155 O guincheiro deve conseguir listar todos os procedimentos operacionais em sequência lógica; conhecer os  
156 procedimentos para situações padrão e as situações inesperada, porém já antecipadas, como: a emergência e  
157 seus comandos, as condições climáticas desfavoráveis e os procedimentos para interromper uma operação de  
158 forma segura. Esse enfoque do processo formativo do guincheiro que tende a seguir uma sequência lógica de  
159 procedimentos nos remete a uma visão do trabalhador como executor. Schwartz (2010) corrobora com  
160 essa crítica, ao apontar que o modelo taylorista de trabalho tinha por anseio prever as ações dos sujeitos dentro  
161 de um plano operacional a ser executável, equivalente a um ”protocolo experimental” (execução de tarefas), o  
162 que implica na abreviação do agir sobre/no trabalho.

163 Nessa concepção, o simulador possui uma programação que está inteiramente subjugada às normas e prescrições  
164 que antecipam o trabalho. Sua função primordial é justamente trabalhar os movimentos do corpo dentro da  
165 cabine, enquadrar os gestos, promover repetições. Coloca-se em questão uma possível compreensão de que as  
166 competências para o desenvolvimento da atividade podem ser totalizadas, ou mesmo simuladas, como se pudessem  
167 ser cientificamente conhecidas à priori, antes mesmo da confrontação do trabalhador com o meio que é imprevisível  
168 e sempre infiel.

169 A operação no simulador é comparada pelo Guincheiro VI a um jogo virtual, como se operasse um videogame.

## 4 ENTRE APOSTILAS-PRESCRIÇÕES E SIMULADORES-VIDEOGAMES

170 No virtual "não se tem a influência da água e do navio no guindaste, mas ela existe, ela é presente Volume XX  
171 Issue III Version I 4 ( A )

172 e precisa ser compensada. Uma compensação de balanço, do peso da carga e do peso da própria lança"  
173 (Guincheiro VI). É justamente a atividade humana o limite de um equipamento de simulação. A atividade faz  
174 o que o trabalho das máquinas (trabalho morto) jamais pode alcançar: a gestão das infidelidades e imprevistos  
175 que os meios de trabalho apresentam ao trabalhador.

176 Conforme abordado, o treinamento teórico e simulado fornece subsídios para a atuação no real, porém não  
177 consegue e nunca conseguirá abarcar a multiplicidade e a variabilidade presente em cada situação de trabalho,  
178 visto que a atividade escapa qualquer tentativa de enquadramento. Jacques e Durrive (2007) nos afirmam que  
179 mesmo no virtual há sempre novos modos de gerir as pressões do cotidiano e as escolhas impostas, de forma que  
180 o trabalho escapa a qualquer tentativa de enquadramento. Ainda de acordo com o autor, as escolhas fazem parte  
181 da vida humana, uma vez dotado de alteridade, o ser humano é capaz de interagir com o outro, mas também  
182 com a máquina, com o equipamento, com o guindaste e com o simulador.

183 As escolhas, as hesitações, as angústias e tomandas de decisões são inerentes ao trabalho e cabe aos sujeitos  
184 administrá-las no ato de trabalhar. Dessa forma, nenhum trabalho pode ser simulado por completo, pois há sempre  
185 novos possíveis, novos modos de fazer e de agir que acotecem no presente. Trabalhar não é aplicar procedimentos,  
186 mas implicação, no qual os trabalhadores traduzem as regras e procedimentos padrões para gerir as infidelidades  
187 impostas pelo meio.

188 Ao ser questionado sobre o processo de formação, o Guincheiro VI disse que os instrutores são muito exigentes,  
189 mas não possuem uma boa didática, no sentido de não conseguirem passar para o alunoguincheiro como "utilizar  
190 aquele equipamento, porque cada guindaste é uma coisa".

191 Se a simulação é como um jogo de videogame, então "o que é preciso fazer para 'passar fase'?", questiona o  
192 Guincheiro VI. Ele sinaliza que no decorrer da formação alguns dos trabalhadores antigos encontraram dificuldades  
193 em operar o simulador ao fazerem curso de "reciclagem" 8 Os 'velhões' chegam lá sem nem saber jogar vídeo game  
194 e vão pegar um simulador. Cara, eu joguei vídeo game a minha vida inteira. Então, pra mim, o simulador é um  
195 vídeo game que eu tenho que acostumar a jogar e acabou. [...] A maioria das . Na visão do trabalhador, possuir  
196 habilidades com jogos virtuais o auxiliou para conseguir um bom desempenho nesta etapa do curso, logo quem  
197 não possuía tal habilidade encontrou dificuldades na fase de simulação. pessoas que não tem essa facilidade com  
198 games, com essas coisas de mundo virtual, não passaram. [...] acabei vendo um monte de gente competente sendo  
199 reprovada. [...] Foi até um curso intermediário, eu não sei se esse curso que esse estivador deu foi eliminatório.  
200 Acho que foi só um curso de reciclagem ou coisa do tipo. [...] Acabava sempre uma teoria com a simulação  
201 e as pessoas que dependiam mais de absorver conteúdo para passar naquilo acabavam reprovando (Guincheiro  
202 VI). O fato dos "velhões", em alguns casos, não obterem uma boa desenvoltura ao operar o simulador produz  
203 certo questionamento sobre o treinamentosimulado: Será que eles não sabem operar ou os saberes que portam  
204 não têm sido considerados na produção de prescrições, protocolos? A falta de didática, da qual o trabalhador  
205 se refere, por parte do instrutor, não estaria implicada no modelo de reprodução de saberes e transmissão de  
206 conhecimento, ou seja, de reprodução de protocolos?

207 A partir dessas questões, Jacques e Durrive (2007) convocam ao exercício da confrotação de dois ângulos  
208 diferentes, mas complementares, que compõem uma situação de trabalho. No primeiro, temse o campo dos  
209 registros, aquilo que pode ser generalizado a todos para a situação de trabalho, os procedimentos aplicáveis e  
210 as normas que antecedem as situações reais, o campo do comum. No segundo, há o campo do inesperado, do  
211 situacional, do aqui e agora, onde a vida acontece no imprevisível, onde os procedimentos e as ações devem ser  
212 re-organizados, re-singularizados, re-inventados a cada instante. A confrotação entre estes dois ângulos, apontados  
213 por Jacques e Durrive, ao qual situamos como campo do generalizável e do situacional, é a preocupação da  
214 ergologia para os processos de formação. Como formar trabalhadores para enfrentarem os imprevisíveis, as  
215 situações novas que não se encontram em protocolo algum?

216 Os trabalhadores antigos desenvolveram uma inteligência prática que está encarnada no corpo, que faz parte do  
217 patrimônio histórico constituído pelos guincheiros, dos valores e regras e informações que compõem a estiva. Eles  
218 conhecem os navios, os porões, o funcionamento global do processo de estivagem e criaram estratégias singulares  
219 e coletivas para lidar com cada situação. Alicerçados em Jacques e Durrive, afirmamos que as experiências  
220 vivenciadas pelos trabalhadores mais antigos da estiva, devem impregnar o debate no processo formativo dos  
221 guincheiros, trazer os questionamentos, as situações cotidianas, pois "quanto mais acumulamos referências na  
222 antecipação, mais a vivência toma sentido, torna-se falante" (2007: p.303). O trabalhador deve fazer parte  
223 Volume XX Issue III Version I do processo de formação, pois só ele pode trazer os elementos invisíveis da  
224 atividade.

225 que diz respeito às mudanças tecnológicas, ao serem questionados os trabalhadores disseram que engenheiros,  
226 incluindo aí os internacionais, fazem cálculos demonstrando como seria a melhor forma de operar os navios,  
227 principalmente, os novos e mais modernos. São os engenheiros que projetam os navios, portanto é atribuído a  
228 eles, pela organização do trabalho, programarem a melhor forma para a operação de estivagem? Em conversa, um  
229 dos guincheiros disse que não se opera o guindaste apenas com cálculos e regras matemáticas, mas com o balanço  
230 da maré, com o corpo que se acopla a máquina para sentir o peso e a mobilidade da carga etc. O guindaste em  
231 movimento não é uma simples máquina, mas um acoplamento complexo entre o corpo e a máquina que torna  
232 possível lidar e gerir as imprevisibilidades, que escapam aos cálculos e regras de engenharia.

233 Isso ocorre porque a atividade não se reduz a aplicação de procedimentos, ela escapa ao domínio das prescrições.  
234 Trabalhar é confrontar cotidianamente com o prescrito, a tarefa. A atividade extrapola as normas, ela produz  
235 saberes, produz desvios e fissuras naquilo que é pensado de antemão. Pensar o trabalho é compreender que as  
236 normas não dão conta de abarcar a complexidade das relações que são vividas na situação real, pois sempre  
237 há um abismo entre o que é previamente orquestrado e aquilo que se faz ao agir no trabalho. Em atividade,  
238 portanto, os trabalhadores reinventam meios ao burlarem os procedimentos, não por indisciplina ou por simples  
239 transgressão, mas como forma de dar conta da complexidade que o real comporta (DEJOURS; NETO, 2012). No  
240 caso dos guincheiros, se os mesmos seguissem as prescrições de modo restrito, uma crise nos meios de produção  
241 se instauraria.

242 Os modos de operar são mutáveis de acordo com as experiências vividas no cotidiano dos embarques, nas  
243 repetições e aprimoramentos das técnicas, no desenvolvimento de novos saberes. Assim, entendemos que é  
244 preciso traçar uma trajetória formativa que convoque os trabalhadores a fazerem parte do processo e inclua no  
245 decorrer do percurso uma ampla visão dos modos operatórios, a "apreensão do saber tecnológico, a valorização  
246 da cultura do trabalho e a mobilização à tomada de decisão" (ZARIFIAN, 2003: 11).

247 O uso dos simuladores funciona como um recurso para a aprendizagem das técnicas de manuseio dos  
248 equipamentos de bordo, seu caráter protocolar envolve os saberes técnicos e científicos (saberes formais) e,  
249 portanto, deve ser apreendido, mesmo que seja impossível seu domínio completo pelos trabalhadores. Porém, há  
250 certo domínio do protocolo que é imprescindível para agir no desenvolvimento de competências que só são possíveis  
251 em atividade. Sua mobilização remete a uma dramática dos usos que o trabalhador faz de si ao promover o debate  
252 entre essas técnicas e a ações humanas, uma vez que o meio nunca é neutro, ele encontra-se engendrado numa  
253 correlação de ações agregadas "pelos homens que o fazem funcionar" e "pelos dispositivos técnicos" mobilizados  
254 (SCHWARTZ; DUC; DURRIVE, 2007a: 92). Ao entendermos que o meio é dotado de componentes da ordem  
255 do imprevisível, a atividade jamais poderá ser padronizada, muito menos reduzida à simulação.

256 Ao propormos uma discussão acerca treinamento dos guincheiros, chamamos a atenção para que tal processo  
257 coloque em debate as invenções e recriações dos guincheiros promovidas na atividade. Entendemos que o formar  
258 não deve ser reduzido a conformações e automatismos. O processo de formação carece de abranger os saberes  
259 da atividade, ao que Schwartz (2010) denomina de "saberes investidos", produzidos nas aderências e nos desvios  
260 gestionários da atividade. Esses saberes, por vezes, encontram-se encarnados no corpo e são frutos do engajamento  
261 dos sujeitos no trabalho.

262 Assim, somos convocados por Schwartz, Duc e Durrive (2007a) a uma compreensão da atividade para além  
263 das antecipações técnicas (protocolos), pois ela é um "encontro de encontros". Ao trabalhar, o guincheiro é  
264 confrontado nos encontros que se constituem com os outros trabalhadores da estiva, com os trabalhadores da  
265 capatazia, os avulsos, os prepostos dos operadores de guindastes, os "gringos" 9 IV. Porão Como Dispositivo ??e  
266 Formação

267 , o comandante do navio, os instrumentos e as variabilidades a serem geridas, com seus anseios, sua história  
268 de vida e a história coletiva da estiva. Ou seja, a atividade de guincheiro se produz com uma série de vetores que  
269 tencionam a produção de um meio heterogêneo, complexo e infiel, jamais totalmente simulável.

270 A formação do guincheiro não se encerra no período formativo estabelecido pela gerência, ela é constante  
271 no decorrer da atividade, à medida que há uma dupla antecipação dos saberes que, por um lado, antecipa-a  
272 e, por outro, são antecipados por ela ao gerir o distanciamento entre o prescrito e o real (SCHWARTZ; DUC;  
273 DURRIVE, 2007b). Essa problemática pode servir como dispositivo para se pensar em um constante processo  
274 de formação dos guincheiros.

275 A qualificação dos trabalhadores portuários é uma demanda do processo de reestruturação produtiva e  
276 modernização dos portos. Antes, os guincheiros entravam no porto e iam direto para a operação, Volume XX  
277 Issue III Version I6 ( A )

278 Global Journal of Human Social Science -Year 2020 aprendiam a operar guindaste na "marra", no dia-a-dia  
279 dos embarques. O Guincheiro II nos que no passado existia um ritual pelo passavam para aprenderem as técnicas  
280 de como operar guindaste de bordo, que consistia em iniciarem por operações com cargas que demandavam  
281 baixa intensidade de mão de obra, como no granel, no qual o guincheiro realiza a transposição da carga sem  
282 estivadores no porão. Só então, quando desenvolviam um saber prático, engajavam-se nas operações com mão de  
283 obra intensiva. Tal processo era gradativo e a aprendizagem ocorria nas relações interpessoais entre guincheiros.  
284 Aprendia-se com o outro. Além disso, antes da criação do Código de Segurança Internacional para Portos e  
285 Embarcações -ISPCode, criado após o atentado as Torres Gêmeas em 2011 nos EUA, havia a possibilidade  
286 de entrar no porto e nas embarcações, mesmo sem ser recrutado, o que possibilitava realizar o contato com o  
287 equipamento e com os outros trabalhadores. Após o o acesso só é possível caso o trabalhador seja recrutado.

288 Tal artifício nos remete ao processo histórico da atividade portuária desde o período da escravidão em seu  
289 aspecto coletivo, como nos cantos 10 Os trabalhadores relataram que atualmente há uma discrepância entre  
290 o treinamento teórico-simulado e a atuação do guincheiro no porto. Os novos guincheiros saem do curso sem  
291 uma ampla visão e compreensão do funcionamento do processo de estivagem da carga. Mesmo que o simulador,  
292 na visão deles, tenha possibilitado aprender o manejo do equipamento, a atividade do guincheiro extrapola o  
293 simples ato de movimentá-lo ou mesmo de pegar e arriar a carga. Há guindastes mais lentos, outros mais rápidos.  
294 Há o movimento da maré, o vento, a instabilidade da embarcação no início da operação e o balanço da carga,  
295 situações que exigem gestão , sob a ótica do aprendizado pela/na atividade. Nos cantos ou no próprio cotidiano

de trabalho, as experiências dos trabalhadores eram compartilhadas entre si. Um saber-fazer firmado no espaço-tempo a partir da práxis advinda do compartilhamento das experiências advindas com o enfrentamento das inúmeras variabilidades presentes na atividade portuária, em meio aos diferentes tipos de navios e cargas que por lá passavam. 10 Distribuídos pela cidade, os cantos eram locais onde os escravos e libertos se reuniam para compartilharem experiências, sob a égide de uma organização coletiva do trabalho portuário (visto que o trabalho portuário inicia-se no Brasil com a utilização de mão de obra escrava). Os encontros eram[...] organizados, institucionalmente, em torno da identidade étnica, cujo objetivo residia em assegurar a solidariedade entre os africanos, impedindo que a competição individual exacerbada entre os trabalhadores, especialmente entre os ganhadores, os escravos libertos que recebiam a contrapartida do trabalho, rompesse com a tradição de trabalho coletivo (ANDRÉ, 1998: 38-39). sensível e singular. O modo como as cargas devem ser estivadas no porão, por exemplo, nem sempre condiz com o plano de carga. A estivagem de pedras de granito é um bom exemplo, os guincheiros têm que encaixar as enormes e pesadas pedras nos porões como se fosse um complexo e arriscado "quebracabeça", pois fazem a tarefa em meio a vidas dos colegas em movimento nos porões e nos conveses dos navios.

Para os guincheiros "viver/experimentar" o porão do navio é o principal dispositivo de formação, visto que os saberes e as técnicas apreendidas de modo informal nas relações interpessoais servem de base para realizar as operações complexas, uma vez que não cabe ao guincheiro somente a movimentação das cargas, mas saber todo o processo de estivagem.

O porão figura um território arriscado, composto por perigos iminentes que o "sobrevoa" a cada carga que desce e a cada obstáculo encontrado. Ao mesmo tempo, figura-se nele um campo no qual se misturam modos heterogêneos do exercício da atividade do estivador à medida que coexistem atividades plurais que convocam distintos e refinados modos de "leitura da situação" de estivagem. O porão, por conseguinte, produz um território de "encontros" que fortalecem a formação dos saberes apoiados no e pelo coletivo.

[...] quando que eu vou trabalhar de porão, de trabalho básico de estivagem, para falar: agora eu vou subir para operar um guindaste? Isso é uma coisa que é evolução. [...] eu nem bem cheguei e eu vou fazer porque eu quero ganhar mais um pouco para operar. Mas se você não sabe fazer a estivagem você não fez o básico. A base não está bem construída para você subir no guindaste e operar (Guincheiro II).

Tem formado operador que às vezes chega lá [na operação] e não consegue desenvolver [...]. Ele aprendeu a mexer no guindaste, ligar, pegar a carga e movimentar, mas não sabe a estivagem (Guincheiro II).

Adentrar o porão é acessar a atividade do guincheiro por configurar um cenário amplo/básico da estiva.

Assim, tornar-se guincheiro vai além dos procedimentos técnicos de manuseio do guindaste, é preciso adquirir conhecimento de base da estiva para, posteriormente, operar as máquinas e tornar o trabalho eficaz e "bem feito". No porão não se aprende apenas procedimentos técnicos, mas encontra-se os colegas, estabelece-se relações, conversa-se sobre as tarefas, produz-se confiança e relações de parcerias. É aí que o guincheiro aprende a ser, antes de tudo, um estivador, com visão ampliada do porão e das tarefas que, do alto do guindaste, ficará sobre sua responsabilidade e cuidados. Ao afastar-se das operações ao assumir uma função na diretoria do Sindicato dos Estivadores, no Guincheiro II nos contou que antes voltar a operar guindaste de bordo passou o período de um mês embarcando no porão. Esse retorno à base do trabalho da estiva serviu como meio de entrar em contato com "as novas realidades de plano de carga" (Guincheiro II). Ser guincheiro, para ele, não é somente subir no guindaste e movimentar a carga para o porão, ou vice-versa, mas é preciso ter uma ampla visão do funcionamento da estivagem do navio, de como é ser estivador.

## 337 5 Volume XX Issue III Version I

Mesmo com a experiência de um estivador/guincheiro antigo no porto, entrar no porão se torna uma aposta, um mecanismo para compreender as mudanças que ocorreram e que sempre irão ocorrer no processo de estivagem. Na visão do Guincheiro II, quem opera guindaste de bordo "tem que saber: onde eu vou botar a carga? [aonde] eu não vou? Não só seguindo, como eles falaram, a orientação que o porão dá, mas saber pra facilitar a vida de quem vai trabalhar".

Há uma preocupação dos guincheiros mais experientes com a formação dos trabalhadores novatos que, ao passarem no concurso da categoria, motivados pelo ganho salarial, almejam ingressar diretamente na função de guincheiro. Tal preocupação decorre da tradição do ofício e das normas informais coletivas, as quais se pautam pela hierarquização entre as funções desempenhadas na estiva, ao priorizar sempre os trabalhadores mais antigos, de modo que os novatos teriam que "entrar na fila", ou seja, esperar o tempo de "se tornar um profissional" obedecendo à hierarquia.

Muitos dos trabalhadores que ingressaram no último concurso já se tornaram guincheiros. O sindicato tem discutido quanto tempo seria preciso para que o trabalhador permaneça nas atividades de base da estiva para, posteriormente, ter acesso às especializadas, de modo que experimentassem o "chão do porão". Segundo os guincheiros mais experientes, é necessário ter maturidade profissional para assumir a atividade de operar guindaste de bordo, uma vez que "vivenciar" o porão se faz importante meio de acesso dos novatos à memória impessoal (gênero da atividade profissional 11 Essa memória impessoal ou gênero consiste em um sistema de regras que é aberto e transitório, atravessado por diferentes formas de fazer e pensar a ) que compõe o ofício de estivador. Essa maturidade seria o tempo que o novato leva para apreender o processo de estivagem e, então, dominar o meio e tornar-se guincheiro. Apenas a aprendizagem decorrente da etapa do simulador não é suficiente para dar

358 conta das penumbras da atividade de estivagem que se produzem nos porões. atividade no decorrer da história,  
359 sustentada pelos sujeitos ao lidarem com os objetos de trabalho e ao compartilharem o saber-fazer (CLOT, 2007).  
360 Uma vez apropriado, o gênero é mobilizado no agir a cada situação e estilizado pelos trabalhadores.

361 O saber acumulado, memória impessoal, é composta por gestos, conselhos, ritmos, regras e condutas que são  
362 constituídas pelos trabalhadores. Esses saberes se inscrevem na história do coletivo e auxiliam os sujeitos nas  
363 arbitragens das situações concretas. Inserir-se "no porão" faz parte do acesso a esse patrimônio impessoal de  
364 saberes, pois é aí que se travam os debates da atividade, a gestão das infidelidades, a produção de amizades, de  
365 pares de trabalho.

366 Nesse ponto, as mudanças ocorridas na organização do trabalho pautadas por uma lógica capitalista de  
367 produção provocaram inúmeros efeitos nas relações e nos processos de trabalho. Se antes havia uma configuração  
368 do trabalho apoiada por fortes laços sociais em torno de uma "cultura de coletividade" que era um fator importante  
369 para a manutenção da saúde e segurança no trabalho, com a modernização tecnológica e a robotização do trabalho  
370 portuário, esses laços tornaram-se fragilizados, principalmente, com a redução do número de trabalhadores e a  
371 intensificação da busca por produtividade (QUEIROZ et al., 2012).

372 Ser guincheiro é estar atento às mudanças, aos modos de operar e às técnicas que se modificam com a chegada  
373 de novas tecnologias. Porém, não adianta somente se informar, é preciso entrar em contato com o trabalho,  
374 se apropriar das "novas realidades" do porão, pois, na visão dos trabalhadores, o guincheiro considerado bom  
375 é aquele que sabe de estivagem, que sabe como a carga é organizada no porão dos navios, de como é feita a  
376 arrumação, a peça 12 V.

## 377 6 Considerações Finais

378 , os sinais para comunicação, o que é ser estivador de porão e como manusear a carga. Assim, a formação do  
379 guincheiro passa pela confrontação das experiências que emergem no cotidiano dos porões, por meio das quais é  
380 possível reelaborar novas formas de lidar com as mudanças permanentes, bem como criar e incorporar novas regras  
381 informais que o auxiliam no processo de estivagem. Esse debate, confrontação, é necessário para que as regras  
382 se renovem e não fiquem "[...] atrasadas em relação ao desenvolvimento dos meios de produção" (DANIELLOU;  
383 SIMARD; BOISSIÈRES, 2010: 53).

384 O intenso processo de transformação do setor portuário, iniciado no fim da década de 1980, com a finalidade  
385 de reestruturá-lo com base no aumento da Volume XX Issue III Version I 8 ( A )

386 produtividade foi uma estratégia para manter os portos brasileiros competitivos no cenário mundial. Este  
387 processo promoveu uma intensa transformação nas relações de no setor, dentre elas ressaltamos a inserção  
388 novas tecnologias na movimentação das cargas nos cais, fato que exigiu dos trabalhadores portuários qualificação  
389 profissional para atuar com os novos equipamentos.

390 Esta temática tem permeado o cenário portuário na atualidade, culminando na instauração do Fórum Nacional  
391 Permanente para Qualificação do Trabalhador Portuário. Este Fórum tem por desígnio promover o debate acerca  
392 das questões que envolvem a "formação, qualificação e certificação profissional" dos trabalhadores especializados  
393 do Porto, numa prerrogativa de adequar a realidade da formação e treinamento aos novos processos de trabalho  
394 que envolve tecnologia das operações e do manuseio dos novos equipamentos. Essa iniciativa se traduz numa  
395 preocupação do setor com o campo formativo dos trabalhadores, em especial, com o trabalho dos guincheiros,  
396 dada a particularidade deste profissional que é peça fundamental na cadeia produtiva por ser o responsável pela  
397 movimentação da carga, o elo entre o navio e o cais e por realizar o carregamento e o descarregamento dos navios  
398 com a utilização de aparelhos de guindarde bordo.

399 Neste sentido, é latente o desenvolvimento de uma formação que fomente a circulação dos saberes em aderência,  
400 que crie estratégias de compartilhamento da inteligência prática dos trabalhadores, que está encarnada nos corpos  
401 e que faz parte do patrimônio histórico desta atividade. A produção de um corpo sensível no trabalho do  
402 guincheiro emerge como árbitro fundamental das escolhas feitas na atividade, inclusive, no que diz respeito ao  
403 cuidado e segurança dos pares de trabalho na estivagem das cargas pesadas e perigosas.

404 Afirmamos que a formação do guincheiro não pode ser forjada meramente em um simulador ou mesmo pela  
405 obediência cega aos protocolos da engenharia matemática. A formação do guincheiro de bordo passa pela  
406 produção de um corpo atravessado pela história de saberes que essa atividade, ao longo do tempo, produziu.  
407 Formação atravessada pelos paradoxos da atividade de ter que manejar cargas pesadas e perigosas de modo rápido  
408 e com segurança; de ter que produzir relações de confiança em um meio composto por normas de competição  
409 individual.

410 É este corpo-guincheiro que se coloca como centro da atividade, lócus de debates de normas. É na atividade,  
411 por meio da confiança e da sintonia com seus pares que a atividade do guincheiro se faz coletiva e ultrapassa a  
412 execução de um plano de cargas, mas cuida da vida no porto, contribuindo para que o trabalho seja realizado.  
413 Deste modo, a formação dos guincheiros passa pela via do aprendizado sensível, por meio do "encontro de

2 , em seu capítulo

VI, instituiu o Fórum Nacional Permanente para Qualificação do Trabalhador Portuário tendo por desígnio promover o debate e discussão acerca das questões que envolvem a "formação, qualificação e certificação profissional" do TPA e do vinculado. O fórum objetiva debater sobre o treinamento de modo a ampliar a qualificação dos trabalhadores aos novos processos de trabalho no setor portuário, o que se traduz numa preocupação do setor com o campo formativo dos trabalhadores.

O Estado do Espírito Santo, antes mesmo da instalação do Fórum Nacional, criou o Fórum de

Figure 1:

414 encontros" da atividade. Tem-se, portanto, um desafio colocado: fometar estratégias formativas que passe pela  
415 via da experiência encarnada, acessada pelas relações estabelecidas entre os trabalhadores. <sup>1 2 3 4 5 6 7</sup>

---

<sup>1</sup>Os ternos são grupos de trabalhadores, que exercem diversas funções, escalados para operar nos porões do navio. Um navio que possui quatro porões pode operar com até quatro ternos.<sup>2</sup> Decreto Nº 8.033, de 27 de junho de 2013, que regulamenta o disposto na Lei nº 12.815 e as demais disposições legais que regulam a exploração de portos organizados e de instalações portuárias.

<sup>2</sup>Year 2020 © 2020 Global Journals O Trabalho Do Guincheiro No Porto De Vitória/Es E Os Desafios Do Processo Formativo

<sup>3</sup>Processo pelo qual alguns trabalhadores antigos eram submetidos para se atualizarem no trabalho.

<sup>4</sup>© 2020 Global Journals O Trabalho Do Guincheiro No Porto De Vitória/Es E Os Desafios Do Processo Formativo

<sup>5</sup>Tripulação do navio.

<sup>6</sup>Conceito extraído e reformulado por Yves Clot a partir do que Bakhtin denomina de "gênero do discurso" (OSÁ?"RIO et al., 2011).

<sup>7</sup>Ato de fixar a carga no porão do navio de modo que a carga fique presa e, assim, evite que se danifique com a movimentação do navio durante a navegação.

- 416 [Daniellou and Simard] , François ; Daniellou , Marcel Simard .  
417 [Jacques] , Anne-Marie Jacques .  
418 [Osório and Barros] , Cláudia ; Osório , Maria Elizabeth Barros .  
419 [Moreira and Inês] , Maria Moreira , Inês .  
420 [Telles and Luiza] , Ana Telles , Luiza .  
421 [Agência De] , Financiamento Agência De . CAPES -Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível  
422 Superior  
423 [Portocel; Sindicatos; Sindiopes ()] , Portocel; Sindicatos; Sindiopes . 2014.  
424 [Schwartz et al. ()] *A dimensão coletiva do trabalho e as Entidades Coletivas Relativamente Pertinentes (ECRP)*,  
425 Yves ; Schwartz , Y Schwartz , L Durrive . 2007b. Org.; Niterói: EDUFF. p. . (Trabalho e Ergologia: conversas  
426 sobre a atividade humana)  
427 [Schwartz (2010)] *A experiência é formadora? Educação & Realidade, v.35, n.1*, Yves Schwartz . 2010. jan. p. .  
428 (/abr)  
429 [Clot ()] *A função psicológica do trabalho*, Yves Clot . 2007. (2ª ed. Petrópolis: Vozes)  
430 [André ()] *A organização do trabalho portuário: O cotidiano de vida e trabalho dos portuários avulsos*, Marlene  
431 André . 1998. Vitória: Edufes.  
432 [Bourguignon and Borges ()] *A reestruturação produtiva nos portos e suas implicações sobre acidentes de trabalho*  
433 *em estivadores do Espírito Santo. Cadernos de saúde coletiva*, Denise ; Bourguignon , Luiz Borges . 2006. p.  
434 . (Rio de Janeiro, v.14, n.1)  
435 [Araújo et al. ()] 'Alguns olhares sobre a subjetividade nas pesquisas em saúde do trabalhador'. Maristela ;  
436 Araújo , L D Machado , M C C Lavrador , M E B Barros . *Texturas da psicologia: Subjetividade e política*  
437 *no contemporâneo*, (Org.; São Paulo) 2001. Casa do Psicólogo.  
438 [Louzada and Paula (eds.) ()] *Clínica da atividade: dos conceitos às apropriações no Brasil*, Ana Louzada , Paula  
439 . BENDASSOLLI, P. F., SOBOLL, L. A. P. (eds.) 2011. Org.; São Paulo; Atlas. (Clínicas do trabalho)  
440 [Setemees ()] *Definição e padronização nas atividades de estiva*, Setemees . 2002. Vitória: Diretoria.  
441 [Boissières ()] *Fatores humanos e organizacionais da segurança industrial: um estado de arte. Cadernos de*  
442 *Segurança Industrial*, Ivan Boissières . 2010. Toulouse: ICSI. p. .  
443 [Alvarez et al. ()] *Interfaces ergonomia-ergologia: uma discussão sobre trabalho prescrito e normas antecedentes*,  
444 Denise ; Alvarez , M Figueiredo , M Athayde , J Brito , D Alvarez . 2004. Org.. p. . (Labirintos do trabalho:  
445 interrogações e olhares sobre o trabalho vivo. Rio de janeiro: DP & A. p.)  
446 [Ogmo-Es ()] *Manual do Aluno*, Ogmo-Es . 2011. Curso de Operação de Guindaste de Bordo. Vitória-ES: UCL  
447 [Brasil ()] *Manual do trabalho portuário e ementário*, Brasil . 2001. Brasília: MTE, SIT.  
448 [Durrive et al. ()] *O formador ergológico ou "Ergoformador": uma introdução à ergoformação*, Louis ; Durrive ,  
449 Y Schwartz , L Durrive . 2007. Org.; Niterói: EDUFF. p. . (Trabalho e Ergologia: conversas sobre a atividade  
450 humana)  
451 [Zarifian ()] *O modelo da competência: trajetória histórica*, Philippe Zarifian . 2003. São Paulo: Editora Senac.  
452 (desafios atuais e propostas. 2.ed.)  
453 [Araújo ()] *O processo de modernização portuária e a produção de subjetividade: o caso do porto de Santos.*  
454 *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, Maristela Araújo . 2012. p. .  
455 [Dejours and Neto ()] 'Psicodinâmica do trabalho e teoria da sedução'. Christophe ; Dejours , Gustavo Neto .  
456 *Psicologia em Estudo* 2012. 17 p. .  
457 [Paul and Freddo ()] *Questões sobre a multifuncionalidade nas operações portuárias em Santos. eGesta*, Norberto  
458 ; Paul , Antonio Freddo . 2009. p. .  
459 [Schwartz et al. ()] *Trabalho e Ergologia: conversas sobre a atividade humana*, Yves ; Schwartz , Y Schwartz , L  
460 Durrive . 2007a. Org.; Niterói: EDUFF. p. . (Uso de si e competência)  
461 [Schwartz et al. ()] *Trabalho e Ergologia: conversas sobre a atividade humana*, Yves ; Schwartz , Marcelle ; Duc  
462 , Durrive , ; Louis , Y Schwartz , L Durrive . 2007a. Org.; Niterói: EDUFF. p. . (Técnicas e competências)  
463 [Schwartz et al. ()] *Trabalho e Ergologia: conversas sobre a atividade humana*, Yves ; Schwartz , Marcelle ; Duc  
464 , Durrive , ; Louis , Y Schwartz , L Durrive . 2007b. Org.; Niterói: EDUFF. p. . (A linguagem em trabalho)  
465 [Clot ()] *Trabalho e poder de agir*, Yves Clot . 2010. Belo Horizonte: Fabrefactum.  
466 [Brito ()] *Trabalho Prescrito. Dicionário da Educação Profissional em Saúde*, Jussara Brito . 2009. Rio de Janeiro:  
467 Fiocruz.